

Turno da fome agrava drama na Ceilândia

Das 73 escolas da Ceilândia, 23 funcionam com turno intermediário, das 11 às 14 horas. Com isto, os outros dois turnos também tiveram seus horários reduzidos de quatro para três horas para que um maior número de crianças pudesse frequentar as salas de aula. Na cidade, são 103 mil e 893 estudantes de 1º e 2º graus matriculadas na rede pública. Ainda tem muita criança de fora e, mesmo com a construção de mais cinco colégios até o final do ano, a situação não deve amenizar.

O motivo são os constantes assentamentos na região. Estas mudanças durante o período letivo, acabam prejudicando a criança, que fatalmente repete a série. Este é o quadro mais comum nas escolas de periferia, onde é alto o índice de reprovações, diz a assistente de direção da regional de ensino da satélite, Sônia Peres Faria.

Se a situação é caótica em grande parte das escolas da Ceilândia, não há adjetivo para classificar a escola classe da quadra 18 da expansão do Setor O. Lá, o ano letivo iniciou depois da greve. Foi entregue em 2 de abril, mas não havia quadro completo de professores. Agora faltam cinco: de Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Ensino Religioso e Educação Artística. Os alunos de quinta e sexta séries ainda não tiveram estas matérias.

E tem mais, ela já nasceu inchada. Esta com a lotação máxima de mil 527 estudantes. A diretora Joana Célia de Oliveira diz que todo dia aparece criança pedindo matrícula. O local não possui segurança. Muitos professores nem aceitam dar aula. O colégio, que já está com a cerca arrebitada, sofre muitas invasões. "É um perigo e não temos um telefone, não existem as condições mínimas para se trabalhar", diz a diretoria. Não há muros de proteção e a construção é de argamassa. "Para derrubar basta meter o pé". Ao invés de janelas e portas, há painéis inteiros que não podem ser abertos porque as crianças ficam no nível da rua.